

# Conhecer as religiões

## Um novo desafio para a escola portuguesa

---

*Como é que o Estado presta culto a Deus?  
Respondo:  
Garantindo e promovendo os direitos humanos na sua integridade, entre os quais está o direito à liberdade religiosa, que o Estado deve garantir também mediante a presença da religião/religiões na escola, não para converter os crentes à descrença ou os descrentes à fé, mas para tornar a todos lúcidos, como exigia Hegel.*

**Anselmo Borges**

Instituto de Estudos Filosóficos  
Universidade de Coimbra

---

A minha exposição tem dois momentos essenciais: a justificação da presença da religião na escola, o novo desafio do conhecimento das religiões na escola portuguesa.

1.

O primeiro momento tem como pressuposto a posição scheleriana sobre as formas ou impulsos do saber. Na sua *Sociologia do saber*, Max Scheler mostra como na base do esforço pelo conhecimento está um tríplice interesse e três impulsos: o interesse e impulso em ordem à salvação, que se expressa no saber teológico; o impulso metafísico, que se concretiza na filosofia enquanto dirigida para o conhecimento da essência das coisas; o impulso de domínio, que põe em marcha o saber científico-técnico, sobretudo a partir da modernidade e, mais concretamente, do positivismo<sup>1</sup>. Na mesma linha, também Karl-Otto Apel e sobretudo Jürgen Habermas sublinharam os três interesses cognoscitivos, que são constitutivos da espécie humana. Concebemos a realidade a partir de três perspectivas, que têm na base três orientações fundamentais: o *interesse técnico*, que corresponde ao interesse scheleriano de domínio e se traduz nas ciências empírico-analíticas; o *interesse prático*, que procede do impulso para o saber de formação e se refere ao sentido no âmbito das ciências histórico-hermenêuticas; o *interesse emancipatório*, que, num mundo secularizado, é a tradução do impulso scheleriano para a salvação<sup>2</sup>.

Ao contrário do que pensou Augusto Comte nomeadamente, estas três formas, impulsos e interesses de saber

---

<sup>1</sup>M. SCHELER, *Sociología del saber* (Buenos Aires 1973).

<sup>2</sup>J. HABERMAS, *Erkenntnis und Interesse* (Frankfurt/M. 1975). Pode ver-se uma boa síntese em: ADELA CORTINA, *Crítica y Utopía: La Escuela de Frankfurt* (Madrid 1986) 115-119.

não se encontram numa ordem de sucessão, de tal modo que acabariam por convergir e reduzir-se ao interesse científico-técnico. Pelo contrário, sendo constitutivos e vitais para o homem, têm de conviver.

Que é que isto quer dizer para o nosso tema? Para que o homem se mantenha autêntico e íntegro, nenhum destes impulsos pode ser anulado. Então, também a escola, até para ser fiel à sua raiz etimológica (do grego *scholê*: ócio, que não é preguiça, mas exercício da liberdade, que de modo nenhum se confunde com o negócio), não pode unilateralizar-se, como se fosse possível reduzir o interesse humano ao domínio científico-técnico. Em todos os graus, desde o pré-escolar à Universidade propriamente dita, a escola tem de ser universitária, no sentido de que tem de ser o parlamento das razões e englobar todos os saberes de forma integrada, orientando-se para a formação do ser humano segundo um paradigma ecuménico e holístico.

O ser humano é, constitutivamente, o ser da pergunta, do perguntar ilimitadamente, pois, estando nós referidos ao não-dito e indizível, toda a resposta é ela própria perguntável. Assim, quando se pergunta pelo próprio perguntar, isto é, pela perguntabilidade, não é difícil concluir que, em última instância, toda a pergunta tem como termo último o Infinito, dirige-se ao próprio Deus. Onde é que se fundamenta então a dignidade inviolável de ser homem senão precisamente na capacidade que o homem tem de colocar a questão de Deus enquanto questão? Se se reflectir até à raiz, concluir-se-á que o fundamento último dos direitos humanos é nesse estar referido estrutural do ser humano ao Infinito que reside: nessa referência constitutiva do homem à questão do Infinito precisamente enquanto questão (independentemente da resposta, positiva ou negativa, que se lhe dê), o homem aparece como fim e já não como simples meio. De facto, o que é que há para lá do Infinito? É por isso que, se a simples palavra “Deus” deixasse de existir, o homem deixaria de ser homem. Como escreveu Karl Rahner: “a morte absoluta da palavra ‘Deus’, uma morte que eliminasse até o seu passado, seria o sinal, já não ouvido por ninguém, de que o homem morreu”<sup>3</sup>. Com o eclipse de Deus, desaparece o sentido do mundo, que o homem “tenta em vão reencontrar mediante uma acumulação de racionalidade”<sup>4</sup>. O mundo hoje parece encontrar-se perante um facto decisivo e mesmo único: se, independentemente da sua resposta positiva ou negativa, o homem já não vir pura e simplesmente necessidade de colocar a questão de Deus, isso significa que, pela primeira vez na sua história, a humanidade sucumbe à imediatidade, a uma visão fragmentária do aqui e agora e “abdica da sua procura de sentido”<sup>5</sup>. Infelizmente, pode ser o que realmente está a acontecer, como constatou já o marxista heterodoxo e ateu religioso Ernst Bloch, em diálogo com teólogos, concretamente com Karl Rahner: “Está a concretizar-se o que Nietzsche profetiza para o século XX: Vamos ao encontro de uma época de terrível miséria. Com sub-produção de transcendência”<sup>6</sup>.

## 2.

Partamos de uma definição mínima de religião, por exemplo, a de A. J. Heschel: “Religião é a resposta às perguntas últimas do homem. Quando estas perguntas decisivas passam a ser indiferentes, a religião perde o seu significado e entra em crise”<sup>7</sup>. Mas o que é facto é que não há a religião, mas religiões. A religião, tanto no sentido substancial como funcional, traduz-se e exprime-se sempre em religiões.

As constantes profecias do fim da religião de modo nenhum se confirmaram. O que se passa é que o tempo que é o nosso, por alguns chamado pós-moderno, tem um novo

<sup>3</sup> KARL RAHNER, *Grundkurs des Glaubens. Einführung in den Begriff des Christentums* (Friburgo/Basileia/Viena 1982) 57-59.

<sup>4</sup> GEORGES MINOIS, *Histoire de l'athéisme* (Paris 1998) 587.

<sup>5</sup> Id., *o. c.*, 588.

<sup>6</sup> ERNST BLOCH, «Der Mensch des utopischen Realismus», in *Gespräche um Glaube und Wissen. Dokumente der Paulus-Gesellschaft*, Band XII (Munique 1965) 113.

<sup>7</sup> A. J. HESCHEL, *Gott sucht den Menschen*, 1955, p. 3. Cit. in MANUEL FRAIJÓ (Ed.), *Filosofia de la religión* (Madrid 1994) 34.

macroparadigma, no qual uma das características fundamentais é o multiculturalismo, que no âmbito religioso tem o nome de macroparadigma pós-confessional, no sentido de leveza das relações de pertença a uma determinada confissão religiosa e de que as grandes religiões do mundo devem entrar em diálogo. É o diálogo ecuménico, não já apenas entre as confissões cristãs, mas da ecúmena, portanto, de toda a terra habitada, entre todas as religiões e incluindo, por direito próprio e por exigência da autocompreensão correcta da religião, também os ateus<sup>8</sup>.

Como não se cansa de repetir Hans Küng, neste novo macroparadigma, em que se joga a própria sobrevivência da humanidade, é urgente um consenso ético mínimo vinculante para toda a humanidade, pois não é possível uma nova ordem mundial sem um ethos mundial. E não haverá paz entre as nações, sem paz entre as religiões. E não haverá paz entre as religiões, sem diálogo inter-religioso<sup>9</sup>.

A liberdade religiosa é mais substantiva do que a simples tolerância. Não se impõe por simples questão estratégica da paz ou por mera exigência da plena igualdade de todos perante a lei. A liberdade religiosa e o conseqüente diálogo inter-religioso estão implicados na autocompreensão adequada da religião. Deus é Mistério indizível, que as nossas palavras apenas tentam balbuciar na gaguez quase muda. As várias religiões são tentativas de dizer esse Mistério, mas é evidente que ao mesmo tempo que o revelam também o ocultam. É aqui que se fundamenta o diálogo ecuménico inter-religioso: precisamos de nos juntar, não para perder a identidade própria através de uma espécie de denominador comum religioso ou de uma religião unitária, mas para todos juntos tentarmos dizer melhor ou menos mal o Mistério de Deus, que transcende sempre o que possamos pensar ou dizer d'Ele.

Neste domínio, John Hick foi dos que levaram mais longe uma autocompreensão religiosa universalista do pluralismo religioso. Como é possível sair para fora do impasse que se traduz na pergunta: se, por um lado, os Deuses e Absolutos das grandes tradições religiosas não se reduzem a meras projecções da imaginação humana, como é que, por outro, podem ser pura e simplesmente idênticos à própria Realidade transcendente em si mesma, já que a Santíssima Trindade não é idêntica ao Alá do Islão ou ao Javé do judaísmo bíblico ou ao Vishnu ou Shiva do hinduísmo teísta, e nenhum destes, por sua vez, pode ser idêntico ao Brahman não pessoal ou ao Tao? De facto, os monoteísmos que afirmam o Deus pessoal não parecem ser compatíveis com um Absoluto não pessoal enquanto ultimidade. A resposta de Hick é clara. Partindo de uma certa interpretação do fenómeno e do noumeno em Kant, afirma a necessidade de distinguir entre “a Realidade divina última como é em si mesma e como se manifesta dentro da experiência e do pensamento humanos”<sup>10</sup>. A Realidade última *an sich* está para lá dos esquemas conceptuais da nossa experiência humana, que incluem, por exemplo, a distinção de pessoal/não pessoal, substância/processo... O Último em si mesmo é ao mesmo tempo o inefável e o que é experienciado e pensado no âmbito das diferentes tradições religiosas, que são diferentes respostas humanas à sua presença universal. A Realidade última divina é percebida nas várias tradições religiosas “como se tivesse diferentes caracteres concretos que são produzidos ao mesmo tempo da presença universal do Divino e de um conjunto particular de conceitos humanos e práticas religiosas”<sup>11</sup>. Como já tinham intuído os místicos, o que é decisivo é que não se pode confundir pura e simplesmente Deus em si mesmo e Deus para nós.

<sup>8</sup> Cf. Anselmo Borges, «Sobre o diálogo inter-religioso», in *Igreja e Missão* 182 (1999) 343-361.

<sup>9</sup> H. KÜNG, *Projekt Weltethos* (Munique/Zurique 1990); Id., *Spurensuche. Die Weltreligionen auf dem Weg* (Munique/Zurique 1999).

<sup>10</sup> J. HICK, «Hacia una comprensión religiosa de la religión», in J. Gómez Caffarena y J. M. Mardones (Eds.), *Estudiar la religión. Materiales para una filosofía de la religión*. III (Barcelona 1993) 105.

<sup>11</sup> Id., *o. c.*, 109. Para uma visão mais aprofundada, ver: Id., *An Interpretation of Religion* (Londres 1989) e também PAUL F. KNITTER, *No Other Name? A Critical Survey of Christian Attitudes Toward the World Religions* (Nova Iorque 1985). Para o filósofo jesuíta J. GÓMEZ CAFFARENA, «El pluralismo socio-cultural como posibilidad

Aí está, pois, um novo desafio para a escola portuguesa: o conhecimento das religiões. É um desafio, porque implica o que o insigne Reitor da Universidade Lusófona chamou uma “Ruptura Ecuménica Primordial”, que obriga a passar, também em Portugal, onde reinou o unanimismo religioso e frequentemente a conseqüente passividade mental, de “uma concepção monoparadigmática, centralista e imperialista” a “uma concepção pluralista, ecuménica e democrática da verdade”, de modo que todos os sujeitos (indivíduos e grupos, igrejas e comunidades) “se sintam aquilo que na verdade são: todos diferentes (nas suas crenças e convicções) e todos iguais (nos seus direitos e deveres)”, e isto nos três círculos ascendentes: do ecumenismo cristão, do ecumenismo religioso, do ecumenismo humano<sup>12</sup>.

Se a escola aceitar este desafio, formará na e para a liberdade na dignidade, no e para o respeito do outro no diálogo, no e para o ecumenismo humanista, nos e para os direitos humanos, na e para a cultura (contra os seus críticos, Ernst Bloch justificava o espaço dado nas suas aulas de História da Filosofia à Bíblia, na Universidade de Leipzig, ainda no tempo da RDA, mostrando que sem ela não se entende nada da literatura, da música, da arte em geral, concretamente no Ocidente<sup>13</sup>), na e para a verdade sempre maior, que supera todo o niilismo e impede toda a forma de totalitarismo e a fixação em pseudo-absolutos intra-históricos.

---

## Concluo

---

Em Maio de 1999, no Fórum sobre o diálogo inter-religioso, realizado na Universidade Lusófona, foi-me perguntado como é que o Estado presta culto a Deus. Respondo: Garantindo e promovendo os direitos humanos na sua integridade, entre os quais está o direito à liberdade religiosa, que o Estado deve garantir também mediante a presença da religião/religiões na escola, não para converter os crentes à descrença ou os descrentes à fé, mas para tornar a todos lúcidos, como exigia Hegel. Por outras palavras, garantindo na escola a presença da questão de Deus *enquanto questão*. Ora, como repetia Martin Heidegger, precisamente “a pergunta é a piedade do pensamento” (*die Frage ist die Frömmigkeit des Denkens*)<sup>14</sup>.

---

y desafío para la fe», in VV., *Pluralismo socio-cultural y fe cristiana*, Congreso de Teología de las Facultades de Vitoria y Deusto (Bilbao 1990) 33, é «indubitável» que esta posição de John Hick referente à convergência dos crentes das grandes tradições religiosas à volta de «uma Realidade Última salvadora (personalizada ou não) e de um transcender do ser humano para a salvação plena na dita Realidade (salvação concebível de mais de um modo)» exerce fascínio e «vai difundir-se, até formar talvez a religião de não poucos (embora sempre minoria)». «Será seguramente o diálogo inter-religioso, assim como, mais amplamente, um diálogo ecuménico de todas as posições humanistas, que nos irá descobrindo matizes e possibilidades que hoje não é fácil ver.»

<sup>12</sup> FERNANDO SANTOS NEVES, «Uma ruptura ecuménica primordial», in *Público*, 25-09-2000, p. 25.

<sup>13</sup> ERNST BLOCH, *Antike Philosophie. Leipziger Vorlesungen zur Geschichte der Philosophie*, Band I (Frankfurt/M. 1989) 450-452.

<sup>14</sup> M. HEIDEGGER, «Die Frage nach der Technik», in Id., *Vorträge und Aufsätze*, I (Pfullingen 1967) 34 e 36.